

Strange Smoke Over My Skin

Igor C. Silva / Jan Wierzba & Trash Panda Collective

CCB . 21 e 22 janeiro . sexta às 21h e sábado às 19h . Pequeno Auditório



Composição e direção artística **Igor C. Silva**

Assistência ao movimento **Bruno Alexandre**

Maestro **Jan Wierzba**

Interpretação **Trash Panda Collective**

Flauta **Tatiana Nunes Rosa**

Saxofone **Marc Alberto**

Guitarra Elétrica **Mané Fernandes**

Baixo Elétrico **André Lourenço**

Violoncelo **Pau Sola Masafrets**

Percussão **João Miguel Braga Simões**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, O Espaço do Tempo**

Strange Smoke Over My Skin é uma *performance* multimédia que explora as dinâmicas de poder e o silêncio de corpos em espaços sociopolíticos. Corpo, luz e som, esculpem um espaço multissensorial, estabelecendo uma atmosfera densa e imersiva, onde os corpos se emancipam entre o real e o virtual.

Partindo de representações sociais e musicais, o maestro é retratado como uma figura de poder, cuja autoridade é reconhecida e comumente aceite. No entanto, o maestro é, em contexto tradicional, o único interveniente em palco que tem a liberdade de traduzir a música através do movimento corporificado e, ao mesmo tempo, é também o único elemento cujo movimento não tem qualquer representação sonora imediata. Nesta

performance, pretende-se desconstruir estas dinâmicas de poder, expondo os *performers* a diversos meios para traduzir em som e imagem as diferentes expressões artísticas que cada individualidade em palco possui, criando assim um novo espaço político – onde novas dinâmicas de poder emergem, ou são totalmente desconstruídas, potenciando a individualidade e a diferença. O maestro torna-se apenas mais um intérprete, através deste processo de desconstrução; os *performers* libertam-se da figura de poder central, despolarizando as relações de coexistência. Um novo território singular e criativo emerge, assim que a figura do maestro se desfragmenta numa realidade tanto de controlo quanto de figura controlada. O equilíbrio social, assim como o conhecemos, é desintegrado e a urgência em encontrar novas configurações arrastamos para um espaço vazio inexistente, no qual se vasculha precipitadamente. A invisibilidade é inevitável.